

Jornal laboratório do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco | Unicap

O BERRO

Foto: Antônio Thiago

Antiguidades sempre novas

NESTA EDIÇÃO

Sebos preservam
edições raras

Página 3

Brinquedos artesanais
ainda são valorizados

Página 4

Jovens preferem
fotografia analógica

Página 5

Brechós vendem
roupas com estilo

Página 6

Carta ao leitor

O irresistível sabor do retrô

Num mundo cada vez mais veloz e em mutação, a preservação de objetos do passado vai ganhando cada vez mais importância. Uma verdadeira legião de pessoas mantém seus hobbies e paixões por objetos e práticas que já saíram de moda e são consideradas obsoletas pela maioria da população.

É sobre este culto ao passado, presente no cotidiano de tanta gente, que trata esta edição do jornal O Berro.

Existem os que gostam de colecionar peças de decoração antigas ou aqueles que,

simplesmente, não conseguem se desvincular de coisas que saíram de moda. Ainda hoje reservam espaço nas prateleiras para memórias em forma de objetos.

A recordação que coisas usadas em décadas passadas transmite, e a alma adquirida por elas, ao longo dos anos, sugerem uma experiência muito peculiar.

Nesta edição do jornal há reportagens que tentam entender a crescente necessidade do passado, necessidade que faz parte do comportamento e parece ser, até mes-

mo, parte da essência da sociedade contemporânea. Em parte reação ao consumismo contemporâneo, o culto ao objeto antigo - ou usado - pode até mesmo se transformar, por sua vez, num modismo e numa oportunidade de negócios.

Nesse universo, há um grupo de pessoas, por exemplo, que prefere a fotografia analógica, aquela que usa filmes e revelação ao em vez do imediatismo digital. Os defensores delas têm argumentos de sobra para convencer quem se disponha a escutá-los.

Caçadores de relíquias literárias, conhecidos como bibliófilos, não estão extintos e continuam a frequentar os sebos da cidade, onde uma edição rara e bem conservada pode custar bem caro.

O resgate da cultura dos LPs, hoje conhecidos como discos de vinil, torna-se cada vez mais forte e carrega vários significados sobre a dinâmica da sociedade capitalista. Um ciclo de apogeu, decadência e, agora, resurgimento como produto sofisticado para conhecedores com bom poder aquisitivo.

Até no futebol, as camisas de época de times famosos, passaram a ser vendidas em lojas especializadas.

Feiras de antiguidade ainda hoje têm seu público cativo. Os brechós ganham charme e aura de exclusividade, apesar de atingirem, no Recife, ainda um público pequeno e seletivo de pessoas que gostam da moda retrô.

No chamado país do futuro, sempre obcecado por novidades, é interessante observar que uma grande legião de brasileiros se diverte mesmo é com as coisas do passado.

Antiquário resgata charme de antigamente

DANIELA FREIRE

“Um ramo para apaixonados”. A afirmação é de Paulo Romero Viana, um dos mais antigos donos de antiquários do Recife, o Antiquidade e Numismática, no bairro das Graças. Com 82 anos de idade e 50 dedicados ao minucioso trabalho de avaliar peças antigas, ele acompanhou de perto o auge do comércio de antiguidades, nas décadas de 70 e 80, e também a difícil crise dos anos 90. Hoje, dos mais de 60 antiquários que já existiram na capital pernambucana, restam menos de 20.

O número reduzido, porém, tem explicações: a produção de móveis e objetos em escala comercial, que barateia os custos, e a proliferação de falsificações no comércio de artes.



Foto: Antônio Thiago

DIVERSIDADE Lojas oferecem várias opções de peças para decoração

“Para manter-se na área é preciso estudar bastante, além, é claro, de um olho bem apurado para não se deixar enganar facilmente. Embora não seja um campo fácil, uma vez que o público é restrito, as perspectivas já estão bem mais favoráveis”, afirma a dona do antiquário Bons Tempos, Marília Benevides.

Os frequentadores não são apenas os que querem

comprar mas também os que querem vender objetos. Frequentemente, os donos desses estabelecimentos são chamados para avaliar espólios, facilitar partilhas de bens ou dizer quanto custa aquela peça herdada da avó. “Muita gente ainda confunde objeto de época com antiguidade e isso, às vezes, dificulta um pouco o trabalho. Aqui no Brasil, por

exemplo, uma peça só é considerada antiga a partir de cem anos, já na Europa, onde a oferta é muito maior, só depois dos duzentos”, conta Viana.

Quem visita pela primeira vez um antiquário, porém, pode facilmente sentir-se confuso diante de tantos objetos juntos e achar que nada daquilo se encaixa na decoração de casa. Por isso, quase nunca a visita a uma dessas lojas é despreziosa: normalmente, o cliente já tem uma ideia clara do que procura.

BADALAÇÃO

Tentando mudar um pouco esse cenário e, assim, conquistar uma parcela maior do público, o administrador Paulo Moreira, terceira geração de uma tradicional família recifense do ramo de antiquários,

apostou em um modelo diferente para comercializar antiguidades. O jovem de 29 anos investiu em um ambiente moderno, que em nada lembra as tradicionais lojas. Há três anos e meio ele abriu a Casa Antica em meio a um dos polos de decoração mais badalados da cidade, a av. Domingos Ferreira.

“Nunca gostei dessa história de antiquário parecer um mausoléu. Não é porque é antiguidade que as peças precisam ser apresentadas de qualquer jeito, ao contrário, elas devem estar dispostas de um modo que as valorizem, que despertem o desejo do cliente”, diz Moreira. E a aposta deu certo. A loja já virou a queridinha dos arquitetos e é um dos antiquários mais rentáveis da capital pernambucana.

EXPEDIENTE

O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

Coordenador do Curso de Jornalismo
Juliano Domingues

Professor Orientador
Marcelo Abreu

Subeditor
Marina Suassuna

Repórteres
André Fontes
Daniela Freire

Emanuelle Carvalho
Giulia Markman
Igor Souto
Isabella Andrade
Juliana Isola
Laís Capistrano
Lui Coutinho
Maria Cardoso
Marina Simões
Marina Suassuna
Renato Quintela

Revisão
Fernando Castim

Diagramação
Flávio Santos

Impressão
FASA

Baixe a versão digital de O Berro.



1. Abra o leitor QR Code em seu celular; 2. Foque o código com a câmera; 3. Clique em Ler Código para acessar os conteúdos. Caso não tenha o leitor no seu celular, baixe em: <http://getreader.com/>

Apaixonados por livros antigos

IGOR SOUTO

Os sebos são procurados por dois gêneros de leitores: aqueles que vão atrás de livros mais baratos e os que procuram relíquias literárias. Esses últimos valorizam o sebo como santuário de obras ou edições antigas e são tão raros quanto os livros que procuram.

Marta Brandão é a gerente da livraria Brandão (rua da Matriz, 22, Boa Vista), um dos sebos mais antigos do Recife, com mais de 60 anos de história. Ela revela um dado importante sobre os colecionadores de obras artístico-literárias, conhecidos como bibliófilos. “[Eles] estão escasseando, mas não sumiram de vez”, diz Brandão. Os bibliófilos compõem um nicho de estudiosos que lapidam os próprios conhecimentos através de documentações geradas por diversos períodos históricos da existência humana.

Uma modalidade de bibliófilos costuma revender as raridades que encontra. É o caso de Jarbas Wanderley, dono da galeria Acaiaça (av. Conselheiro Aguiar, edf. Rio Branco,

70, Boa Viagem). Ele pagou R\$ 2.200 para comprar um livro de 1922 com desenhos de aquarela que reconstituíam a história estética de todos os uniformes do Exército brasileiro, feitos por J. Walsh Rodrigues. “Venderei por bem mais”, afirma Wanderley.

O grosso do interesse do público leitor e frequentador de sebos se dirige mesmo às primeiras edições de grandes clássicos da literatura regional, nacional e mundial. Os valores tabelados tendem a ser negociáveis. “Paguei R\$ 900 pela primeira edição de ‘Vidas Secas’ [de Graciliano Ramos]”, conta a estudante do curso de letras da UFPE, Erika Muniz. “Consegui R\$ 80 de desconto.”, acrescenta.

Cristiane Lobo administra o sebo do Lobo (av. Manoel Borba, 747, Boa Vista) ao lado do seu marido, Gustavo Lobo. Ela traça um paralelo entre livros raros e a lógica do mercado editorial. “O livro pode ser recente, mas se já esgotou e não é relançado, ganha rapidinho status de raridade”, explica. Em outras palavras, livro raro é relíquia literária apenas na medida em que possui carga histórica.



GARIMPAGEM

Prateleiras do Sebo Livros Café, na rua do Príncipe

A respeito dos sinais físicos de uma passagem de tempo degradante - tais como lombada desgastada, páginas amareladas, rabiscos aleatórios - a universitária Erika explica que as falhas são malefícios naturais. “Só não é aceitável se o grau do dano comprometer a capacidade de leitura. De qualquer forma, os volumes costumam ser bem preservados.” Os amantes da literatura agradecem.

Resgatando o passado do futebol

ANDRÉ FONTES

Objeto de desejo dos amantes do futebol, a camisa retrô vem ganhando, a cada dia, o gosto de mais pessoas. As camisetas são produções dos fabricantes atuais, mas com base nos modelos usados no passado que marcaram um título de um clube, um artilheiro inesquecível, ou até mesmo pela beleza do uniforme. Um resgate dos bons tempos do futebol. Qual torcedor nunca imaginou vestir a camisa 10 do Pelé? Ou o uniforme do seu time que marcou história em décadas passadas?

Há quase três anos no mercado, a empresa recifense PE Retrô trabalha com a confecção e venda de produtos esportivos e modelos de camisas que marcaram história nos grandes clubes do futebol nacional e internacional. A loja possui camisetas de todos os times campeões pernambucanos, desde os extintos Torre, Santo Amaro, Flamengo-PE e Tramways, aos grandes da capital: Santa Cruz, Sport e Náutico. Um prato cheio de saudosismo para os pernambucanos.

Quem também entra nessa lista é o América-PE (seis vezes campeão estadual), Central de Caruaru, o Íbis, con-



INTIMIDADE O quarto preserva os objetos pessoais do artista

siderado o pior time do mundo, além do Salgueiro, que vem sendo a grande surpresa do interior do estado.

O ano de 1987 ficou marcado para muitos torcedores do Sport Club do Recife, pois foi a temporada em que o time se consagrou campeão brasileiro de futebol. Segundo o vendedor da PE Retrô, Daniel de Santana, a camisa desse título já causou emoção a um personagem que viveu de perto a conquista. “O médico José Romualdo, que fazia parte da comissão técnica do Sport, quando viu o kit do título de 87 ficou bastante emocionado e

chegou a chorar”, afirma.

Apesar de ser o título mais importante da história do rubro-negro pernambucano, o uniforme de 87 não é o mais procurado. O preferido dos torcedores é camisa de 55, que marca o cinquentenário do clube e a passagem do maior artilheiro do Sport, Traçaia, que marcou 201 gols com a camisa leonina. Pelo lado dos alvirrubros, a camisa do hexa é a que mais sai, enquanto que, na ala tricolor, a camisa do tri supercampeonato, conquistado em 83, é a mais pedida pelos torcedores corais.

Antiquários virtuais têm seguidores

RICARDO BARONI

O comércio de antiguidades na internet atrai cada vez mais vendedores e consumidores. Parece até um pouco controverso o fato de milhares de pessoas utilizarem um dos maiores avanços da tecnologia na comunicação para consumirem produtos há décadas completamente obsoletos.

Em meio a tantas opções, de vitrolas até móveis de tempos coloniais, é possível encontrar todo tipo de velharia dentro do mundo virtual.

Este tipo de comércio começou a se desenvolver em 1999, com o site americano Oldstuff.com, que vendia e comprava qualquer tipo de produto com mais de 20 anos de idade. A ideia deu certo, o site foi crescendo rapidamente e se profissionalizando até se tornar, hoje, uma referência mundial.

No Brasil, são muitos sites que se destacam no segmento. Um deles é o Velhiquario.com.br, pioneiro neste serviço. A loja já vendeu, em um pouco menos de 10 anos de existência, mais de 20 mil itens entre vasos, relógios, luminárias, esculturas, dentro outros. Segundo a funcionária da empresa, Donisete Sato, as vendas este ano ultrapassaram muito a expectativa. “Recentemente, a procura por nossos serviços aumentou bastante. Estamos sempre trabalhando novas formas de expandir ainda mais a visibilidade da empresa”, disse.

Donisete ainda afirma que o perfil dos consumidores é bem variado. “Temos todos os tipos de clientes. Tanto velhinhas nostálgicas, quanto colecionadores aficionados e jovens antenados com a moda vintage”, afirmou.

De acordo com o consultor comercial do Sebrae, Fábio Nobre, a tendência atual do mercado é a fusão do moderno com o antigo e, por isso, é explicado tal crescimento no setor. Nobre afirma que os antiquários, hoje, mudaram de status. “Passou a ser moderno ou cult possuir um item de valor histórico e a internet ajudou bastante a consolidar essa vertente.”

Apesar do crescimento do mercado *online* de antiguidades, muita gente ainda não confia nas formas de pagamento pela internet. Alguns sites como o tempoantigo.com.br e o antigamente.com fazem parcerias com grandes empresas como o PagSeguro e o PayPal, especializadas em garantir a legitimidade das transações *online*.

Quadrinhos antigos ainda encantam



SGT. KIRK Um dos quadrinhos antigos favoritos de Rabello

MARIA CARDOSO

Apesar de todas as notividades tecnológicas, o apego às histórias em quadrinhos impressas em papel e tinta ainda resiste. Para alguns vorazes leitores do gênero, a relação de amor começa na infância. “Eu aprendi a ler com os quadrinhos e nunca abandonei esse hábito. Lembro-me muito de um gibi que eu comprei aos sete anos, ‘Heróis da TV’, número 100”, diz o escritor Germano Rabello, 32 anos. Ele lembra de ter lido heróis como Super-homem, Super-boy e Tarzan, ainda menino, nas revistinhas do final da década de 70 compradas pela mãe. “Muitos anos depois, eu percebi que, naquelas revistas, estavam alguns dos melhores desenhistas de quadrinhos, como Joe Kubert e Alex Toth, daqueles de traço clássico”.

Colecionadores mais velhos têm acervos que remontam ao começo do século 20.

Entre os jovens já adeptos

do colecionismo, a estudante de radialismo da UFPE, Dandara Palankof, 28 anos, orgulha-se de uma coleção de 2 mil exemplares das mais diversas décadas. Sua revista mais antiga é uma edição da “Revista Grilo”, do ano de 1971, de Robert Crumb - a primeira edição de uma história do autor publicada no Brasil. A variedade de meios para contar uma história fascina a colecionadora. “É interessante a combinação de diversos elementos visuais - inclusive as letras, que, principalmente com Will Eisner, deixaram de ser meros representantes fonéticos.”

A influência dos gibis na vida dos seus colecionadores vai além do gosto estético e do prazer da leitura. O artista plástico David Nascimento, 27 anos, já chegou a trabalhar em uma loja de quadrinhos no Recife. De tanto visitar o lugar, ele conseguiu o trabalho. “Diria que algumas histórias que li definiram meu caráter.

Elas definiram meus gostos, assim também como influenciaram minha profissão”, diz Nascimento, que hoje trabalha como ilustrador *freelancer*. A qualidade técnica das ilustrações e das histórias foi o diferencial que o aproximou das revistas antigas, desenhadas por artistas como Bernie Wrightson e Jean Giraud.

Mas não é simples alimentar esse amor. Freqüentadores assíduos de sebos, os colecionadores precisam ser persistentes nos métodos de procura pelo objeto querido - fazendo uso das compras também no mundo virtual.

Não importa se são da década de 50 ou 70, italianos ou americanos. A recente digitalização dos quadrinhos não é o suficiente para quem gosta de folhear e colecionar. “A paixão pelas histórias foi crescendo e quando conheci a vastidão desse universo fui levada a querer ter meu pequeno acervo”, diz Dandara Palankof.

Brinquedo popular é patrimônio cultural

MARINA SIMÕES

Ioiô, pião, boneco de meia, cavalo de pau, bruxa de pano, rói-rói, mané-gostoso, caminhão de madeira. Esses objetos podem ter feito parte da infância de gerações passadas, mas, em meio aos avanços tecnológicos dos brinquedos, lutam para evitar o caminho da extinção.

Os chamados brinquedos populares ou tradicionais são reflexos das relações sociais, culturais, políticas e econômicas de uma determinada região, como destaca a pedagoga e pesquisadora Valéria Barza, mestre em Didática da Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. “Brincar é algo natural que faz parte do mundo infantil, onde o brinquedo expressa a criatividade e liberdade daquele indivíduo”, diz.

Confeccionados artesanalmente com materiais como madeira, corda e retalhos coloridos com as cores primárias, como o azul, vermelho e amarelo, o brinquedo popular é resultado de um trabalho manual que exige habilidade. Alguns mestres como o artesão José Antônio da Silva, de 61 anos, conhecido como Mestre Saúba, dedicam a vida a essa atividade.

Em um ateliê construído nos fundos de sua casa, no bairro da Vila Rica, em Jaboatão dos Guararapes, o artesão nascido e criado em Pombos, na Zona da Mata do Estado, tira o sustento da família através da venda dos brinquedos. Mestre Saúba conta que aprendeu sua arte com uma cigana, que conheceu quando jovem. “Naquela época as pessoas faziam escondido para ninguém aprender e

querer roubar a profissão. Eu aprendi com a cigana o que faço até hoje”, explica o artista, que faz questão de passar o conhecimento adiante, ensinando para filhos e netos.

“É importante divulgar o trabalho dos artistas”, afirma a coordenadora Silvia Brasileiro

A coordenadora de programas educativo-culturais da Coordenação Museus e Restauro da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Silvia Brasileiro, chama a atenção para a necessidade de preservação desses brinquedos considerados um patrimônio cultural do Estado. Na Fundaj, existe um trabalho em parce-

ria com Mestre Saúba e outros sete artesãos pernambucanos, em que os próprios artistas visitam escolas públicas e particulares para participarem de feiras e exposições. “Nessas visitas, eles promovem oficinas para ensinar as crianças o passo a passo de como é feito o brinquedo. É importante promover esse tipo de atividade para divulgar o trabalho dos artistas e não deixar a arte dos brinquedos populares morrer”, afirma a coordenadora.

TRANSFORMAÇÃO

Silvia também alerta para o fato de que a aproximação com os brinquedos tradicionais desenvolve, nas crianças, o seu mundo de imaginação e universo de fantasia, ampliando os valores culturais.

“As crianças ficam impressionadas como um

simples pedaço de madeira ou tira de borracha, que depois de pintados e amarrados, podem-se transformar em um brinquedo. E quando eles mesmo produzem, a alegria é ainda maior. Sinto muito orgulho de ensinar minha arte para as crianças”, disse o Mestre Saúba, que já viajou para o Rio de Janeiro, Alagoas, Aracajú e Fortaleza para divulgar seu trabalho.

VENDAS

Os brinquedos produzidos pelos mestres pernambucanos ficam expostos em uma loja na Fundação Joaquim Nabuco, no bairro de Casa Forte e também são colocados à venda na Casa da Cultura e em feiras livres e de artesanato, como é o caso da feirinha que existe na praça de Boa Viagem.

Loucos pelo filme fotográfico

MARINA SUASSUNA

Falar do culto às coisas antigas é estreitar o contato com a origem daqueles objetos e com a fotografia não há de ser diferente. A técnica analógica de fotografar remete às raízes dessa expressão artística. “A fotografia que eu conheço é a que tem negativo”, diz Luiz de Castro Sá Barreto, 67, que se tornou técnico mecânico de câmeras fotográficas nos anos 1960, quando tentou consertar sozinho sua máquina, na época uma Agfa de fabricação alemã. Ainda hoje, Barreto lida com o ofício, consertando e vendendo câmeras antigas no prédio popularmente conhecido como Beco do Fotógrafo, no bairro da Boa Vista, centro do Recife.

Grande parte do culto à fotografia analógica em tempos digitais se deve à curiosidade de experimentar uma nova relação com a fotografia. Reviver a prática analógica é, sem dúvida, uma experiência atípica que desperta sentimentos e percepções ímpares. “Hoje eu tenho uma

intimidade com o filme que eu ainda preciso conquistar com o digital. Eu gosto do grão, da textura, da cor do analógico, que você só consegue fazer no digital com um bom tratamento depois”, compara a fotógrafa e jornalista carioca Mariana Caldas, 22. A questão da estética também faz parte da filosofia analógica. “A diferença entre digital e o analógico tornou-se gritante pra mim a partir do momento em que percebi o quanto a estética do analógico era mais ‘palpável’. As fotos ganharam vida através dos grãos”, diz a fotógrafa pernambucana Bruna Coutinho, 22.

Há também quem considere uma vantagem a durabilidade do equipamento tradicional. “Uma câmera analógica bem conservada pode durar anos. Máquinas digitais, inevitavelmente, são equipamentos de pouca duração e por conta do avanço da tecnologia ficam obsoletos muito rápido”, diz o fotógrafo pernambucano Matheus Galvão, 48, que acompanhou a evolução da técnica foto-



RELÍQUIAS Cerca de 4.000 câmeras analógicas compõem o acervo de Barreto na Boa Vista

gráfica e precisou adaptar-se à plataforma digital.

O analógico também vem influenciando o próprio meio digital. Usuários de *smartphones* já dispõem de aplicativos que permitem adicionar filtros às imagens, deixando a fotografia com aspecto retrô. “Eu acho válido, tudo é expressão, tudo é arte. Acho que esteticamente o resultado é bom, mas não sei se pode ser comparado. Eu,

pelo menos, não troco um rolo de filme em uma boa analógica por um Iphone”, afirma Mariana.

Dono de uma Leica - primeira câmera criada no formato 35mm, na década de 1920 - Galvão destaca a vida útil da fotografia com filmes como um fator positivo. “A ideia de você poder escolher o melhor momento para registrar, poder revelar as fotos e guardar pra si o filme

original delas cria outro tipo de interação com a fotografia. Ao contrário das digitais, que correm o risco de serem corrompidas, ou você perder a foto entre milhões de arquivos e megabytes no seu computador”, diz. A surpresa na hora da revelação é, para Barreto, o equivalente a um parto. “É como uma criança que a mãe só conhece na hora que nasce”, afirma o técnico.

Jovens também preservam a memória

LAIS CAPISTRANO

No universo das antiguidades, há quem dedique anos da sua vida para adquirir, restaurar e preservar peças que remetam à memória de tempos passados. O fascínio pela história que envolve tais objetos e a afetividade que se estabelece com o objeto em si são as maiores características dos colecionadores. Para eles, não existe idade, sexo, profissão que defina o perfil de um apaixonado por peças antigas. Apenas o encantamento e a constante busca por novos “tesouros”, novas histórias, dá significado aos membros deste grupo. Alguns são bastante jovens. E todos, movidos por impulsos que não conseguem explicar, algo que Sigmund Freud, o pai da psicanálise, definiria

como pulsão. Segundo os estudiosos da psicanálise, a busca pela memória se encontra relacionada ao campo dos desejos e atrações. Esses são os elementos que coordenam os passos de colecionadores da nova geração.

Apaixonado por história, arte e cultura, o colecionador Flávio Torres, de 25 anos, entrelaça a história de sua vida às das peças antigas, cuidadosamente distribuídas pelos cômodos da sua casa. Hoje professor, o rapaz atribui o interesse pelos estudos à vontade de conhecer costumes e culturas de épocas distantes. Através da respeitável coleção de fotografias e objetos, alguns datados do início do século 18, Torres construiu sua identidade. “Comecei a colecionar fotografias antigas da família quando

tinha 12 anos e nunca mais parei. Descobri o quanto era prazeroso para mim aprender sobre meu passado daquela forma e meu interesse aumentou com o tempo”, afirma. Hoje, Torres tem

“A arte de colecionar está no prazer encontrado no ato de colecionar em si. E isso pode estar presente em todas as idades”, afirma Flávio Torres

cerca de 3.500 fotos catalogadas, além de 50 objetos de decoração, quadros, azulejos, e peças de artistas plásticos

pernambucanos.

O “hobby quase ficcional”, como o próprio rapaz define, exige-lhe certo tempo e dedicação. No entanto, em inúmeras ocasiões, é mal compreendido por aqueles que o rodeiam. “A maioria das pessoas acredita que sou novo demais para ser um colecionador, para ter tanto interesse nesse assunto”. Com um sorriso, Flávio Torres complementa: “Sinto-me um ser fora do ninho algumas vezes”.

Para o estudante de direito Lucas Soares, 21 anos, a reação de amigos e parentes diante de sua admirável coleção de artigos musicais se tornou algo corriqueiro. “Alguns ficam espantados, acham desnecessário meu investimento”, acrescenta ele. São 470 itens que se dividem

entre CDs, DVDs, discos de vinil e muitos outros objetos relacionados à sua paixão, que nasceu ainda na infância e agora foi solidificada em sua fase adulta. “Costumo dizer que são meus filhos”, afirma o rapaz, que dispensa rodeios quando questionado sobre a afetividade que nutre pela coleção.

O gosto por essa atividade tão íntima e pessoal é livre de classificações etárias, nem aceita limitações. A afeição que surge em torno de cada peça é grande e cada objeto se torna único aos olhos do seu colecionador.

Flávio Torres não sabe bem como definir mas arrisca uma solução. “A arte de colecionar está no prazer encontrado no ato em si. E isso pode acontecer com pessoas de todas as idades”.

Brechó é opção para estilo diferente

LUI COUTINHO

Atividade econômica que se popularizou na Segunda Guerra Mundial, a venda de roupas usadas em brechós, vem ganhando cada vez mais adeptos no Recife e se consolidando como promissora fonte de renda. Não existem dados sobre o crescimento do setor, visto que muitos deles funcionam na informalidade. Mas os que apostam no empreendimento garantem que a qualidade, o preço e a diversificação dos produtos são os pontos principais para atrair e fidelizar a clientela.

Quem trabalha no ramo está satisfeito e acredita que o tipo de comércio está com uma aceitação melhor, em comparação aos anos anteriores. Há quase uma década à frente do Brechó Dona Quitinha, em Boa Viagem, a empresária Wanbecy Brito avalia com otimismo o negócio e planeja mudar-se para um imóvel maior.

“Atualmente, está bem mais fácil manter um brechó porque a mentalidade das pessoas está mudando, elas não veem a atividade com tanto preconceito”, comenta a empresária. No início, 80% das peças comercializadas na loja eram do guarda-roupa da proprietária. “Hoje chegam, em média, seis sacolas de peças por dia para fazermos a triagem.”, conta.

A clientela é bem variada e os mais assíduos são os que já conhecem o estilo das lojas. “Temos clientes de posições sociais variadas, vão desde os mais humildes, que encontram no brechó uma forma de economizar até as pessoas de alto poder aquisitivo”, afirma Pierre Valentim, funcionário do brechó Dona Quitinha. Além disso, os preços garantem a fidelidade dos compradores. “Uma peça pela qual se paga R\$ 200 em um shopping, aqui vendemos por R\$ 15”, acrescenta.

De acordo com Paula Rio, proprietária do brechó Dona

Flor, no bairro da Torre, Zona Oeste do Recife, a qualidade e a durabilidade dos produtos são indispensáveis no momento da escolha dos itens. “Por isso, é importante lavar, dobrar e organizar bem as peças que serão colocadas à venda”, afirma. “Hoje, o brechó ainda não é um mercado que gera muito lucro, mas como renda extra é uma boa opção”, acredita Paula Rio.

A análise da mestra em *design* Gabriela Lyra Teixeira não é tão otimista quanto à rentabilidade do setor no Estado. “Creio que os brechós gringos sejam um atividade rentável. Mas, em nível nacional, seria preciso fazer uma pesquisa mais a fundo com os donos de brechós. Já no Recife, creio que estão engatinhando, pois ainda são poucos”, avalia.

A aquisição das peças se dá pelo esquema de consignação. O lojista ganha entre 30% e 50% do valor pago pelo cliente e o restante vai para pessoa que ofertou a peça.



Foto: Lui Coutinho

MODA Acessórios e calçados estão entre os itens mais procurados

Moda retrô também tem adeptos

EMANUELE CARVALHO

Roupa tem que ter história. E história é o que não falta aos adeptos da moda retrô. A paixão começa com os vestuários que fizeram parte dos guarda-roupas da vovó e, mais recentemente, da própria mãe. Mas, para quem não teve o privilégio de ter como heranças roupas que marcaram algumas décadas passadas, pode optar pelos brechós, lojas especializadas em artigos que já não estão mais nas vitrines das mais badaladas lojas de roupas, e as menos badaladas também.

Muito se fala dessa tal moda retrô, vintage ou os mais variados adjetivos para roupas antigas. Existem pesquisas que mostram que os dois termos caracterizam tipos de roupas diferentes. Mas há quem discorde. A coordenadora do curso Design de Moda do Centro Universitário Maurício de Nassau (Uni-

nassau), Luciana Florêncio, acredita que os dois termos significam a mesma coisa. “Releitura é diferente, é a arte de copiar o passado de uma forma mais moderna. Já o retrô ou vintage são peças que marcaram o passado, que têm uma história. Para esses dois, a questão é olhar para a moda de uma maneira diferenciada”, explica.

E esse olhar diferenciado foi o que chamou a atenção da diretora de web da Loja Dona Santa, Karol Nogueira, que também escreve para o blog apartamento *fashion.com*. “Gosto muito das roupas que eram usadas nas décadas de 1980: eram peças mais alegres, com cores mais intensas, e que estão voltando ao cenário atual, como quase tudo na moda”, afirma.

Só que algumas peças duram para sempre. É aí que se inserem os brechós, lojas que são um verdadeiro “achado” para os apaixonados pelo tema.

“Adoro brechó. Em São Paulo, por exemplo, há uns maravilhosos. No Recife, também há, mas são poucos, infelizmente essa moda aqui não pega. Os pernambucanos gostam de comprar peças novas”, analisa a coordenadora da Uninassau Luciana Florêncio.

PRECONCEITO

Ela se refere ao fato de existir, em Pernambuco, uma imagem pré-concebida sobre roupas que foram usadas por outras pessoas. “Aqui tem a história de que, se comprar peça de brechó, você pode carregar consigo as energias negativas do antigo dono da peça e isso não traz boa sorte”, afirma rindo Luciana Florêncio. E completa dizendo que, no Brasil, “quem compra em brechó ou é alguém que não se importa com preconceitos ou é uma pessoa informada sobre o valor da peça, que entenda sobre o conceito de moda”.



Foto: Arquivo Pessoal

CHARME O estilista Halison Miller investe na moda retrô

Em alguns países da Europa há uma forte tradição de se comprar roupa usada em brechós. Nos Estados Unidos

são muito populares as feiras de produtos usados, inclusive roupas, feitas nos jardins das casas de família.

Um castelo medieval no Recife

ISABELLA ANDRADE

Um longo caminho verde, repleto de grandes árvores. Aves passeando sobre um lago calmo e águas limpas. E, ao longe, um castelo. Toda essa história parece conto de fadas, mas é realidade. Engana-se quem pensa que, no Brasil, não há castelos. Turistas e moradores podem ver de perto o Castelo de São João, ou como é conhecido popularmente, o Castelo de Brennand, localizado no bairro da Várzea, no Recife.

Criado em setembro de 2002 pelo colecionador pernambucano Ricardo Brennand, o castelo foi erguido no estilo Tudor, que vem a ser o último estilo de arquitetura medieval, que leva o nome da dinastia que governou a Inglaterra. A construção é uma prova de que o culto pelo antigo pode ter consequências até mesmo na arquitetura monumental.

Brenand diz que a inspiração inglesa para a obra aconteceu por causa de sua ascendência familiar. A arquitetura de estilo Tudor teve início em 1485, conta a historiadora Eliane Cardoso. “A decoração horizontal é associada à vertical, com portas e janelas altas, porém estreitas. Além disso, há torres



CASTELO construído em 2002 segue o estilo da arquitetura da época Tudor

laterais que completam a atmosfera do período”.

Se, do lado de fora, já é encantador, na parte interna não podia ser diferente. “É exatamente como nos filmes. Estou me sentindo uma princesa”, conta Helena Paixão, turista de Fortaleza.

Há brasões, armaduras, grandes telas, e até um altar em estilo gótico que proporciona ao visitante uma verdadeira volta ao tempo. Todo o acervo do local vem desde o período da baixa Idade Média, espalhados por diversos continentes. O castelo abriga

uma coleção de armas, que reúne instrumentos de guerra, caça, armaduras completas, além de punhais, espadas, entre outros. “Atualmente, o acervo é composto de, aproximadamente, 3.100 peças vindas de diferentes países. O Instituto Ricardo Brennand está entre as maiores coleções da arte no mundo”, diz Leonardo Dantas, coordenador do instituto.

A mobília do castelo também não poderia ser diferente. Largas poltronas, aparadores e estantes de procedência francesa e inglesa são o destaque.

Bloco da Saudade preserva carnavais

HELDER LOPES

Nem só de coleções e restaurações se preserva a memória de épocas que não voltam. O imaginário, as músicas e as festas são partes tão constitutivas da história quanto qualquer fóssil de qualquer homem pré-histórico jamais encontrado. E para não esquecer disso é que o Bloco da Saudade sai pelas ruas do Recife, desde 1974, nos dias de Carnaval.

Inspirados por “Valores do passado”, frevo de Edgar Moraes, os integrantes do Bloco da Saudade fazem um verdadeiro culto ao Carnaval do Recife do começo do século passado, como diz a presidente do bloco desde 1980, Isabel Bezerra.

“Todos os anos, o ano todo, fazemos um resgate da história do nosso apaixonante Carnaval através dos frevos e das vestimentas sempre muito elaboradas com as cores da cultura popular nordestina: encarnado e azul. O Bloco da Saudade faz parte da vida de muitas pessoas, da vida do Recife principalmente”.

Coautor do livro “Evoluções, Histórias de Bloco e de Saudade”, o historiador Lucas Victor conta que os frevos entoados pela agremiação ajudam a preservar e construir uma identidade do Recife, mas que “mais do que um bloco do passado, o Bloco da Saudade é um bloco do presente, um bloco que se brinca no presente”.

Bezerra admite que não é fácil manter o bloco, mas muito prazeroso.

“É sempre uma luta manter o bloco. Somos independentes, não recebemos subsídio algum, além dos cachês de congressos em que nos apresentamos. Trabalhamos o ano todo: quando termina um carnaval, emendamos com os preparativos do outro ano. Começamos a confeccionar as fantasias e cortejar nossos compositores, tiramos tudo do próprio bolso. Felizes, é verdade”, contou sorrindo.

Atualmente, o Bloco da Saudade é composto por 150 pessoas e se sustenta, além dos cachês, da venda de ingressos e camisetas para os acertos de marcha - todos os sábados do mês que antecede o Carnaval, no Clube Náutico Capibaribe.

Feira de antiguidades ocupa Paço

RENATO QUINTELA

Iniciada há cerca de cinco anos, a Feira Precioso Mascate é um dos eventos mais conhecidos da cidade quando se trata de artigos antigos e históricos. Além de ser uma mostra expositiva, o evento tem como principal objetivo a divulgação de peças para vendas. Pivô das negociações para iniciar o evento, Fernando Villa Chan é um dos expositores mais procurados da feira. Há mais de 40 anos no meio, Villa Chan começou a trabalhar com antiguidades aos 15 anos e vive desse comércio até hoje. “É um orgulho para mim ver como essa feira tem crescido. Antigamente, o público passava aqui nos dias de feira como se não nos percebessem mas, hoje em dia, é diferente, as pessoas já vêm com a intenção de prestigiar”, disse ele feliz com o movimento.

Entre as mais de 500 peças expostas estão vasos, lustres, quadros, esculturas, todas com um grande significado histórico. A psicóloga Marisa Santos é colecionadora de vasos e comentou sua paixão: “Sou apaixonada por vasos, tenho vários na minha casa. Hoje ainda não comprei nada porque



A FEIRA acontece todo primeiro domingo do mês no shopping Paço Alfândega

acabei de chegar, mas não tem como sair daqui sem levar pelo menos um desses.”.

Um dos mais recentes expositores, Sérgio Zarzar, nasceu em Gravata e começou sua paixão por antiquários aos 13 anos. Hoje, Zarzar tem uma coleção com mais de 50 pratos brasonados (pratos gravados com brasões de pessoas importantes da época) e administra o “Antiquário Café”, uma cafeteria em Gravata, onde os clientes são servidos em xícaras dos séculos passados. Perguntado como a feira

ajuda na divulgação do seu trabalho, Zarzar contou: “Além de mostrar as minhas peças para venda, eu ainda faço divulgação da cafeteria. É um prazer ver como as pessoas que presenciam a feira estão interessadas no que temos para mostrar”.

A feira é organizada pela administração do Paço Alfândega com a colaboração de Tácia Melo. O evento conta com 27 expositores de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba, entre eles Fernando Villa Chan, Theza Brennand e Carlos Benevides.

Discos de vinil conquistam novos fãs

JULIANA ISOLA

Os discos de vinil ou long plays (LP) surgiram no período depois da segunda Guerra Mundial juntamente com o crescimento e desenvolvimento da indústria fonográfica. No final da década de 80, apareceram os compact discs (CD), que invadiram as prateleiras das lojas, tornando o vinil um objeto, aparentemente, ultrapassado. Muita gente encaixotou sua coleção de LP's, vendeu ou desfez-se do material.

Na verdade, os LPs nunca desapareceram e continuaram a ser produzidos em pequena escala, em vários países. Mas ressurgiram há pouco tempo com o novo status de 'objeto de luxo'. Ao perceber essa tendência, muitos artistas voltaram a gravar no for-



Foto: Juliana Isola

CURTIÇÃO Cunha mostra alguns dos vinis de sua coleção

mato. Os músicos brasileiros Marcelo Camelo, Pitty, Nação Zumbi e Fernanda Takai são alguns exemplos. Também apareceram lojas que trabalham com a venda de vinis, como a Passadisco e a Livraria Cultura. Nas ruas, são realizadas feiras de venda e troca. Na internet, através das comunidades nas mídias sociais, muita gente se reúne para discutir o tema, divulgar novidades

de lançamento e fazer trocas do material. O velho novo vinil encanta a todos de diferentes formas.

O comerciante Fábio Cabral adquiriu o gosto pelos vinis no início da adolescência, ao escutar, fora de casa, o álbum "Meus caros amigos", de Chico Buarque. Cabral morava numa usina onde não existia rádio e quase não se escutava música, pois seu pai

não gostava. Mesmo assim, ele conseguiu conhecer o trabalho de outros artistas, como o do Quinteto Violado, e começou sua coleção. Hoje, ele é dono da Passadisco, loja especializada na venda de vinis de todos os gêneros, com clientela de várias partes do país. "No começo foi difícil, mas o movimento melhora a cada ano", diz Cabral, que já foi proprietário de um bar, onde conheceu vários artistas locais, que deixam seus vinis pessoalmente na loja para serem vendidos.

Para o publicitário Eduardo Cunha, o vinil tem um valor sentimental desde que era pequeno, quando escutava na vitrola da sua casa Rolling Stones, Caetano Veloso, Xuxa, Menudos, Pink Floyd e outros, em discos que eram comprados pelos pais. São quase 300 exem-

plares, que ele herdou também do tio e de um vizinho que iria se desfazer dos LPs. O plano do publicitário é montar, em sua casa, uma parede somente com vinis. "Quero que meus filhos também tenham acesso a este acervo, do mesmo modo que eu tive", afirma Cunha.

Já para o estudante e músico Maurilo Sobral, o vinil é um hobby que começou quando ele visitou feira que vendia discos no centro do Recife. Músico, ele lamenta o alto custo para se lançar um LP no Brasil: "Aqui é muito caro, sai mais barato mandar fazer no exterior", diz Sobral. Em seu quarto, a vitrola, recuperada da casa da avó é escutada sempre, principalmente após um dia cansativo de estudo e trabalho.

Paulo André e sua coleção pop

GIULIA MARKMAN

Rua Gonçalves Maia, 114, Boa Vista. Eram 16h de uma segunda-feira nublada do Recife. Foi nesse cenário a entrevista com um dos maiores colecionadores de objetos e histórias da música pernambucana. Em um prédio rosa de dois andares, cheio de grafites nas paredes externas, o produtor musical Paulo André Pires, 45 anos, abriga seu escritório, a Astronave, e uma rara coleção que conta a trajetória de personalidades do cenário musical do Estado.

Influenciado pelo tio Beto, aos nove anos, Paulo André começou a colecionar tampinhas de garrafa que a Coca-Cola lançou nos anos 1970, com 72 personagens da Walt Disney. Depois, juntou pôsteres dos Trapalhões e da Pepsi. "Quando eu tinha 11 anos, comeci a colecionar tampinhas e selos de jogadores da Seleção brasileira na Copa da Argentina, em 1978," lembrou o produtor.

Aos 15 anos, Paulo André comprou o primeiro disco de

rock, o "Led Zeppelin III", terceiro de estúdio da banda inglesa. Desde então, não parou mais de comprar vinis e depois CDs. Hoje, o produtor guarda mais de oito mil CDs e quatro mil vinis de todos os gêneros musicais, nacionais e internacionais.

Boa parte deste material veio da loja de disco Rock Xpress, que Paulo André abriu em 1989, no Recife. Um ano após abrir a loja, ele começou a produzir *shows*. O primeiro foi da banda Câmbio Negro. Depois trabalhou com artistas como Chico Science e Nação Zumbi, Mundo Livre S/A e DJ Dolores com quem fez turnês para mais de 20 países. Também criou, em 1993, o Abril Pro Rock, atualmente um dos festivais independentes mais respeitados do Brasil.

Dessa bagagem profissional guarda milhares de *flyers*, como o de divulgação do show-protesto "Não Papai Noel", da banda Devotos do Ódio, realizado em 1989, no Recife; cartazes como do artista Paulinho do Amparo, de Olinda; trabalhos do projeto

Super Terra; três mil pôsteres, como uma xilogravura de J.Borges para o Brazilian Music Festival, em Nova York; gravações "demos" que artistas mandavam para participar do APR, como o do Los Hermanos, em 1997.

Paulo André nunca chegou a quantificar o material, mas está tudo bem guardado em caixas e armários, separados em três setores: locais, nacionais e internacionais. Além disso, ele tem uma coleção de obras de arte, com esculturas, pinturas, gravuras e xilogravuras de mais de cem artistas.

O produtor ainda coleciona miniaturas de carrinhos, chaveiros, *action figures* (miniaturas de personagens famosos americanos, como Ozzy Osbourne, Elvis Presley e Frankstein), mais de 400 latas, bolachas de chope e avisos de porta de hotel. Ele também herdou coleções de amigos e parentes, como xícaras, pires e flâmulas. Segundo Paulo André, as coleções ajudam a preservar sua memória e servem como um investimento.



Foto: Giulia Markman

PAULO ANDRÉ observa com orgulho seu raro acervo

"Costumo dizer que é minha forma de poupança, já que não tenho salário fixo," disse o produtor.

Parte de sua coleção foi

exposta em abril de 2012, nos eventos Memorabilia APR e a Pôster Arte Design, que precederam o Abril pro Rock.